

CARTOGRAFIA
DO PENSAMENTO
QUEER





CARTOGRAFIA
DO PENSAMENTO
QUEER

RAFAEL LEOPOLDO

editora
DEVIRES

2020 © Editora Devires
Cartografia do pensamento *queer*
Rafael Leopoldo

Editor | Gilmaro Nogueira
Revisão | Tadeu Sarmento
Diagramação | Daniel Rebouças

*Imagem de capa cedida por Mateo Maté,
intitulada “Venus de Milo Doríforo”, 2016,
www.mateomate.com
(um especial agradecimento ao artista)*

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Carlos Henrique Lucas Lima
Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB

Prof. Dr. Djalma Thürler
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Fran Demétrio
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Prof. Dr. Helder Thiago Maia
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Dr. Hilan Bensusan
Universidade de Brasília - UNB

Profa. Dra. Jaqueline Gomes de Jesus
Instituto Federal Rio de Janeiro – IFRJ

Profa. Dra. Joana Azevedo Lima
Devry Brasil – Faculdade Ruy Barbosa

Prof. Dr. João Manuel de Oliveira
CIS-IUL, Instituto Universitário de Lisboa

Profa. Dra. Jussara Carneiro Costa
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Prof. Dr. Leandro Colling
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Luma Nogueira de Andrade
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Guilherme Silva de Almeida
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Marcio Caetano
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Profa. Dra. Maria de Fatima Lima Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Dr. Pablo Pérez Navarro (Universidade de Coimbra - CES/
Portugal e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG/Brasil)

Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva
Faculdade de Educação
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

CIP BRASIL — CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

L587c LEOPOLDO, Rafael —

Cartografia do pensamento *queer*/Rafael Leopoldo. 1ª
ed./Salvador - BA. Editora Devires, 2020.

280p.; 16x23 cm

ISBN 978-65-86481-16-7

1. Filosofia contemporânea. 2. Teoria *queer* 3. Teoria *Cuir*
I. Título.

CDD 159.9

CDU 308.11

Qualquer parte dessa obra pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Direitos para essa edição cedidos à Editora Devires.

**editora
DEVIRES**

Av. Ruy Barbosa, 239, sala 104, Centro – Simões Filho – BA
www.editoradevires.com.br

Esta cartografia é dedicada a algumas autoras e autores *cuir* que serão as linhas iniciais de um próximo mapa: André Musskopf, Berenice Bento, Guacira Lopes Louro, Larissa Pelúcio, Leandro Colling, Pedro Paulo Gomes Pereira e Richard Miskolci.





ODE ÀS (T) ALMAS
Por Alexander Brasil

Para todas as meninas assassinadas no Brasil,
e para João W. Nery,
in memoriam.

I

Betty topava tudo.
Topava 50tinha, chupetinha, arranhão,
de quatro, de oito, de graça.
[[de graça? nunca, nunquinha!]]

Ativa. Passiva.

Totalmente liberal.

Betty topava tudo.

Maricona, mariquinha, casal pseudo-hétero,
bicha casada, bicha solteira, bicha velha, bicha nova,
travequeiro, T-Lover, pornografia, pornochanchada,
estudante bêbado, transfóbico, homofóbico, Vidafóbico,
taxista machista, fetichista, sensacionalista,
cafetina louca, mona louca, mona de porre, drogadita, drogadona.
Tudo louca, devassa, travessa!

Todas perturbadas, assanhadas, destruídas,
todas Almas, todas Vidas, todas desgraçadas, açoitadas, marginalizadas.

Betty topava tudo.

Anticoncepcional, Perlutan, Androcur,
terapeuta, fonoaudiólogo,
silicone industrial, bundão, peitão, corpão,
cirurgião clandestinão, paraguayão,
bombadeira, agulha de crochê,
IST, AIDS, HIV,
aquendar a neca, fazer a chuca,
2 anos de SUS, 5 anos de SUS, 20 anos de SUS,
nome social, nome civil, nome da puta que pariu,
Pai filho da puta, Mãe filha da puta,
Irmão filho da puta, Irmã filha da puta,
Tio filha da puta, Tia filha da puta,
Avô filho da puta, Avó filha da puta,

Primo filho da puta, Prima filha da puta,
Sobrinho filho da puta, Sobrinha filha da puta,

Orfanato filho da puta,
Mundo filho da puta.

Betty topava tudo.

Avião, Tailândia, concurso de Miss,
vagina recém-feita, marido porta a fora.

Betty topava tudo.

Rejeição

Suicídio

Sujeição

Agressão

Depressão

Assassinato

Betty topava tudo.

Betty topava com a Vida,
com o Amor, com o Ódio,
com Deus, com o Diabo.

Betty topava tudo.

Betty era Vida,

Betty era Poesia,

Betty era Betty

e não João

ou Ricardo

ou Pedro Henrique

ou Leonardo

ou Maykon

ou André

ou Daniel Ricardo Martins da Fonseca

ou qualquer outro nome

que não seja o dela

aquele que ela escolheu

[[horas e horas procurando em um dicionário de nomes para bebê]]

escolher um nome é nascer de novo

então

Betty era Betty

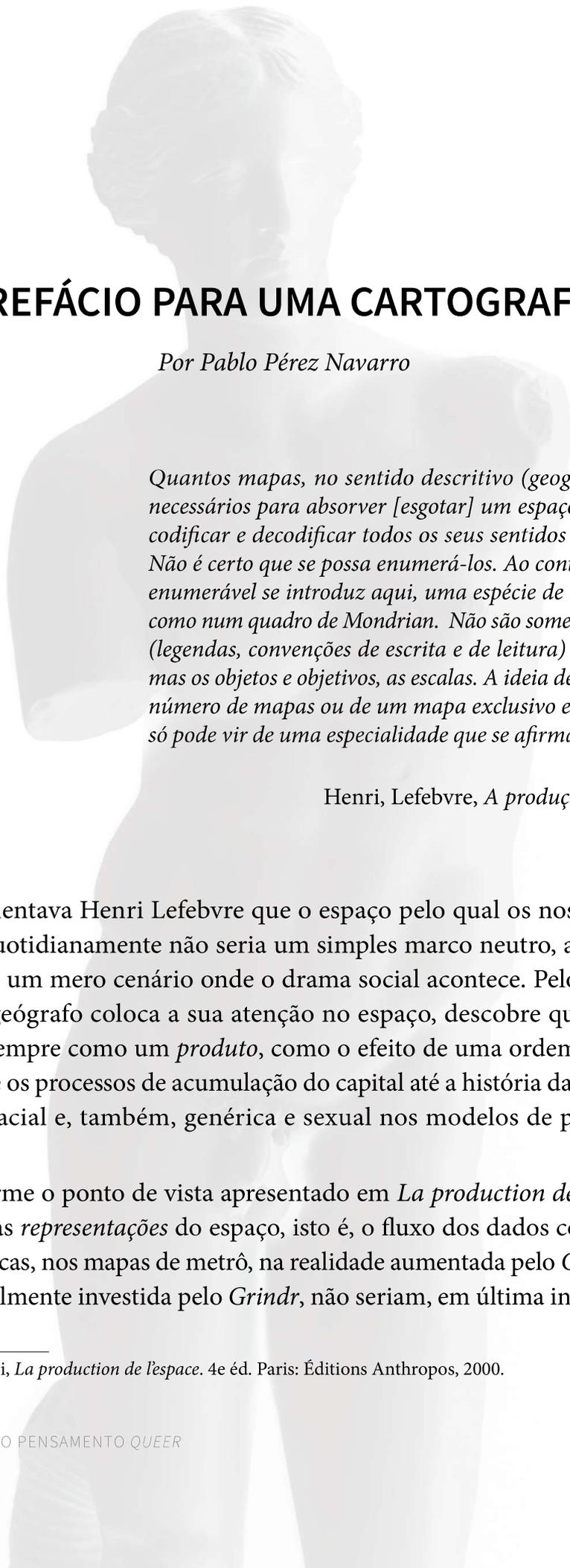
e Betty topava tudo.



SUMÁRIO

PREFÁCIO PARA UMA CARTOGRAFIA	11
O INÍCIO DO PENSAMENTO <i>QUEER</i>	21
PENSAMENTO <i>QUEER</i>	21
TEORIA E PRÁTICA <i>QUEER</i>	22
ATIVISMO GAY, FEMINISTA E <i>QUEER</i>	31
A (IN)TRADUZIBILIDADE DO <i>QUEER</i>	36
A TEORIA <i>QUEER</i> CONHECE A PSICANÁLISE	41
TEORIA <i>QUEER</i> E PSICANÁLISE	41
O TRONCO E OS RAMOS	42
ESBOÇO CRONOLÓGICO	43
FREUD E A HOMOSSEXUALIDADE	46
FREUD E O CASO DORA	49
A TEORIA <i>QUEER</i> E O DIREITO DOS ANIMAIS	55
ANIMAL <i>QUEER</i>	55
ESPECISMO E ESQUIZOFRENIA MORAL	58
O LUTO E A LINGUAGEM	65
A TRISTEZA DOS ELEFANTES	67
A TRISTEZA DOS URSOS	68
A BRINCADEIRA DOS ANIMAIS	70
A TEORIA <i>QUEER</i> E O PÓS-ESTRUTURALISMO	75
TEORIA <i>QUEER</i> E A FILOSOFIA FRANCESA	75
FOUCAULT: DISCIPLINA E BIOPOLÍTICA	77
BAUMAN: A CRIAÇÃO DO PERFIL E A POBREFÓBIA	84
DELEUZE: MÁQUINA SOCIAL CAPITALISTA	89
MÁQUINA SOCIAL PRIMITIVA	90
MÁQUINA BÁRBARA DESPÓTICA	93
MÁQUINA SOCIAL CIVILIZADA	96
DERRIDA: DESCONSTRUÇÃO, SUPLEMENTO E PERFORMATIVIDADE	103
DESCONSTRUÇÃO	106
SUPLEMENTO	109
GLORIA ANZALDÚA E O NASCIMENTO DA TEORIA <i>QUEER</i> 117	
<i>I WAS BORN A QUEER</i>	117
A ESCRITA XAMÂNICA DE GLORIA ANZALDÚA	120
FALANDO EM LÍNGUAS	122
A TEORIA <i>QUEER</i> E O PENSAMENTO HOMOERÓTICO LÉSBICO	127
O PENSAMENTO LÉSBICO: WITTIG, RUBIN E RICH	127
MONIQUE WITTIG: PENSAMENTO HETERONORMATIVO	128
GAYLE RUBIN: SISTEMA SEXO-GÊNERO	133
SISTEMA SEXO-GÊNERO	134
PARENTESCO E HETEROSSEXUALIDADE OBRIGATÓRIA	136
ADRIENNE RICH: HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA	139
A TEORIA <i>QUEER</i> E O PENSAMENTO HOMOERÓTICO GAY	145
O PENSAMENTO HOMOERÓTICO: HOCQUENGHEM, PERLONGHER, SÁEZ E CARRASCOSA	145
GUY HOCQUENGHEM E O PÂNICO ANTI-HOMOSSEXUAL	149

HOCQUENGHEM COMO TEÓRICO <i>QUEER</i>	151
O PÂNICO ANTI-HOMOSSEXUAL	153
NÉSTOR PERLONGHER E O TROTTOIR <i>QUEER</i>	155
POST SCRIPTUM PARA A EDIÇÃO A RGENTINA	156
O QUE HÁ DE MASCULINO NA PROSTITUIÇÃO MASCULINA?	158
JAVIER SÁEZ E SEJO CARRASCOSA: AS POLÍTICAS ANAIS	162
PSICANÁLISE E ANALIDADE	164
A AIDS E AS POLÍTICAS ANAIS	166
A TEORIA <i>QUEER</i> E O FEMINISMO NEGRO	171
UMA OUTRA VOZ NO FEMINISMO	171
DEMOCRACIA RACIAL BRASILEIRA	177
OS HOMENS E AS MULHERES NEGRAS NO BRASIL	179
HELEIETH SAFFIOTI E O CAPITALISMO EM SIMBIOSE	185
CAPITALISMO EM SIMBIOSE: PATRIARCADO-RACISMO-CAPITALISMO	187
OS HOMENS E MULHERES CASTRADAS	188
PATRIARCADO-RACISMO-CAPITALISMO	193
O ESQUECIMENTO DA QUESTÃO RACIAL NO FEMINISMO	197
A NEUROSE CULTURAL BRASILEIRA	199
A TEORIA <i>QUEER</i> E O TRANSFEMINISMO	201
TRANSFEMINISMO	201
TRANS* UM FENÔMENO CONTEMPORÂNEO	202
A QUESTÃO TRANS* E A RELAÇÃO POLICIAL-HIV/AIDS	205
O FEMINISMO ANTI-TRANS*	208
JUDITH BUTLER E O GIRO PERFORMATIVO	211
JUDITH BUTLER E A TEORIA <i>QUEER</i>	211
CRÍTICA A REPRESENTATIVIDADE E A IDENTIDADE	213
O FEMINISMO E O <i>QUEER</i> : POLÍTICA PÓS-FEMINISTA	215
AS DRAG QUEENS E O GIRO PERFORMÁTICO	220
ABERTURA PARA O CAMPO ÉTICO	227
DONNA HARAWAY E O GIRO TECNOLÓGICO	233
DONNA HARAWAY E A TEORIA <i>QUEER</i>	233
O CIBORGUE E A DISSOLUÇÃO DO HUMANO	235
MANIFESTO CIBORGUE E O GIRO TECNOLÓGICO	243
PAUL BEATRIZ PRECIADO E A HISTÓRIA DAS TECNOLOGIAS	245
PAUL BEATRIZ PRECIADO E A TEORIA <i>QUEER</i>	245
PAUL BEATRIZ PRECIADO E A PRODUÇÃO TEÓRICA <i>QUEER</i>	246
O MANIFESTO CONTRASSEXUAL	249
O PODER FARMACOPORNOGRÁFICO	251
O BIO DRAG E O GIRO TECNOLÓGICO	257
TEORIA <i>QUEER</i> E AS MASCULINIDADES	259
SEJA HOMEM!	259
JAVIER SÁEZ: MASCULINIDADE E ANALIDADE	262
A CONSTITUIÇÃO DO MASCULINO PELO CU	265
JACK HALBERSTAM: MASCULINIDADE FEMININA	266
A MASCULINIDADE EM JAMES BOND E A SENHORA M	268
POSFÁCIO	271
BIBLIOGRAFIA	273



PREFÁCIO PARA UMA CARTOGRAFIA

Por Pablo Pérez Navarro

Quantos mapas, no sentido descritivo (geográfico) serão necessários para absorver [esgotar] um espaço social, para codificar e decodificar todos os seus sentidos e conteúdos? Não é certo que se possa enumerá-los. Ao contrário: o não-enumerável se introduz aqui, uma espécie de infinito atual como num quadro de Mondrian. Não são somente os códigos (legendas, convenções de escrita e de leitura) que mudam, mas os objetos e objetivos, as escalas. A ideia de um pequeno número de mapas ou de um mapa exclusivo e privilegiado, só pode vir de uma especialidade que se afirma isolando-se.

Henri, Lefebvre, *A produção do espaço*.

Argumentava Henri Lefebvre que o espaço pelo qual os nossos corpos circulam quotidianamente não seria um simples marco neutro, apolítico ou prepolítico, um mero cenário onde o drama social acontece. Pelo contrário, quando o geógrafo coloca a sua atenção no espaço, descobre que este já se apresenta sempre como um *produto*, como o efeito de uma ordem social que inclui desde os processos de acumulação do capital até a história da segregação de classe, racial e, também, genérica e sexual nos modelos de planificação urbanística.

Conforme o ponto de vista apresentado em *La production de l'espace*¹, o conjunto das *representações* do espaço, isto é, o fluxo dos dados contidos nos guias turísticos, nos mapas de metrô, na realidade aumentada pelo *Google Maps* ou na sexualmente investida pelo *Grindr*, não seriam, em última instância, um

¹ Lefebvre, Henri, *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

elemento externo ao espaço representado. Aliás, formariam parte da história da produção desse mesmo espaço, ou talvez, dos espaços da cidade e contra-espços da cidade enquanto tal. O mapa, desse ponto de vista, não é só um guia para visitantes; faz parte, acima de tudo, do processo de constituição do território.

Seria impossível adentrar nas histórias e genealogias possíveis do *queer* com uma pretensão meramente descritiva, asséptica ou simplesmente academicista. Como contar essa história sem ser afetado pela história da politização do luto e da raiva frente às necropolíticas da indiferença durante os primeiros anos da crise do HIV espalhada na proliferação de ativismos que se estenderiam de cidade em cidade através dos corpos, das mortes, das décadas e dos continentes? Como fazer um mapa neutro dos processos de ressignificação da injúria *queer* desde os Estados Unidos até o ativismo *transpedegouine* na França, o *transmaricabollo* na Espanha, a teoria *transviada*² no Brasil e o *cuir* em tantos lugares de fala hispânica? Uma história objetiva da resistência das periferias negras e latinas à organização heterossexual da sexualidade, do gênero e do parentesco, desde as *houses* retratadas em *Paris is Burning*³ até as casas refúgio do ativismo travesti nas cidades brasileiras? Como contar, impassíveis, a fragmentação dos feminismos brancos e heterossexuais a partir da proliferação de feminismos negros e lesbianos, latinos e chicanos, tanto nos Estados Unidos como nos espaços híbridos das suas fronteiras com a América Latina? Como *representar*, sem politizar a teoria, a história dos processos de tradução cultural entre as filosofias da diferença francesa, a biopolítica e a desconstrução e os estudos de gênero? Como manter, por último, qualquer ideal de cientificidade, na hora de transitar as ambivalências entre um impulso crítico *queer* voltado a desestabilizar hierarquias intra e interdisciplinares e a progressiva assimilação do *queer* pelas lógicas mercantilizadas da academia neoliberal?

As dificuldades da tarefa parecem-me ir ao encontro das promessas e, também, dos riscos inscritos nos projetos de reinvenção da cidade. Uma cartografia do *queer* seria, talvez, impossível de afrontar sem assumir os mesmos riscos envolvidos na ocupação de um centro social, na abertura de uma *casa trans*, na decisão de acampar numa praça para transformá-la em contra-cidade de protesto. Foi pensando nestes paralelismos que não pude deixar de lembrar, enquanto lia esta corajosa, engajada, plural, pedagógica e, antes de tudo, pessoal

² Assim a refere Berenice Bento em *Transviada@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.

³ Livingston, Jennie, *Paris is Burning*, Off-White Productions, 1990.

cartografia do pensamento *queer* apresentada por Rafael, nessa outra ação cartográfica que foi o mapa da Red LGBTQI do metrô de Madrid⁴, desenhado por Javier Sáez em 2018.

Partindo da pergunta “e se abicharmos, sapatonarmos, transgenerizamos o metrô de Madrid?”, Sáez reinventou o mapa oficial do Metrô incluindo nele os nomes daquelas pessoas, referências teóricas e contrassexuais que tinham sido importantes em sua evolução como ativista e teórico *queer*, como urso em armas contra os ditados da cidadania heterossexual. O mapa resultante — que se difundiu por redes sociais até chegar, por improváveis caminhos, a ser exposto em tamanho gigante na câmara municipal — parecia ser o mapa de uma contra-cidade, de uma cidade *outra*, uma heterotopia que, como se do *Up-side down* de *Stranger Things*, a Casa de Campo se convertesse no Cruising Casa de Campo e cada uma das estações de metrô tivesse sido radicalmente *queerificada*.

Assim, algumas destas paradas faziam referência a coletivos emblemáticos das políticas de ação direta que caracterizaram o ativismo *queer* que, também, se faz referência nestas páginas, como Act Up em Nova Iorque de finais dos anos oitenta, junto aos que os seguiram noutros lugares no começo dos noventa, como La Radical Gai, em Madrid. Noutras linhas do contra-metrô encontravam-se algumas das autoras cruciais do capítulo dedicado, nesta cartografia, ao feminismo lésbiano, como Monique Wittig, que moveu os cimentos identitários do separatismo lésbiano ao proclamar que “as lésbianas não são mulheres”⁵; Adrienne Rich, responsável por um movimento de sentido contrário, com a sua descrição do “continuum lésbiano”; ou Gayle Rubin, autora de alguns dos ataques mais contundentes aos movimentos feministas pela abolição da pornografia.

Não faltam, nesta interseção entre o mapa de Javier Sáez e o de Rafael Leopoldo, nomes imensos dos feminismos negros como Angela Davis, e dos chicanos como Gloria Anzaldúa — esperta, justamente, nas intersecções cartográficas e fronteiriças entre sexualidades e comunidades —, junto a alguns dos autores do que aqui, atravessando geografias e temporalidades, se enquadra como um “pensamento homoerótico”. Aparecem, assim, paragens do livro dedicadas a Guy Hocquenghem, autor de *Le desir homossexuel, queer avant la lettre* (“se não quisermos fazer dela um marco, deveríamos pelo menos citá-la como

⁴ Sáez, Javier, “Por qué un Metro LGTBIQ en Madrid”, *Pikara Magazine*, 26 de Junho 2017 (<https://www.pikaramagazine.com/2017/06/por-que-un-metro-lgtbiq-en-madrid/>).

⁵ Wittig, Monique, *The Straight Mind and Other Essays*, Boston: Beacon Press, 1992, p. 12.

um texto fundamental para a produção deste novo campo de saber”⁶); Nestor Perlongher, pensador argentino das relações entre masculinidades e trabalho sexual sob o impacto da AIDS; e Sejo Carrascosa, ativista *queer* e coautor, junto com o próprio Javier Sáez, de uma revulsiva *análise* da desconstrução de identidades nos espaços, ou melhor, nos orifícios da abjeção corporal, chamado *Pelo cu: Políticas anais*⁷.

Ambas cartografias partilham também algumas paradas fundamentais para as políticas trans, entre outros caminhos pela leitura das ambivalências da figura da *stone butch* na obra de Jack Halberstam. Incluem também, como não podia ser de outra forma, algumas estações especialmente transitadas, nas quais se entrecruzam múltiplas linhas do metrô, e que aqui se apresentam como “pontos de virada” da teoria *queer*. Judith Butler, como primeira virada, pela parte do *giro performativo*, e Paul Preciado, pela parte de *um giro tecnológico*, aqui apresentado em interessante continuidade com a obra de Donna Haraway. No centro da contra-cidade imaginada por Javier Sáez aparece, finalmente, outro nome que está, também, presente nestas páginas, o de Paco Vidarte, que nos deixou pouco depois de publicar a sua *Ética bicha*⁸, na qual ressoam décadas de luta entre as ruas e a filosofia e que continuará a nos interpelar através das décadas com o seu intratável desprezo pela convivência com os mil rostos da opressão.

Estas interseções falam de alguns dos referentes que, provavelmente, aparecerão em qualquer cartografia possível do *queer*. Outras muitas referências podem resultar inegociáveis, talvez, só para eles. Este último elemento, se quisermos, subjetivo, é parte do sentido de que a representação do espaço, seja este físico ou teórico, nunca é, simplesmente, descritiva. Qualquer mapa é sempre uma ocasião para perguntar onde fica tal estação, tal outro parque de *cruising*, tal outra autora inesquecível? O que eu nunca deixaria de incluir em nenhum mapa? Se existisse um mapa do pensamento *queer* que não fosse necessariamente exploratório, pessoal e experimental, deixaria de funcionar como mapa para se converter num triste *cânon*.

Escrever é abrir-se à interpelação e, nesse sentido, implica assumir uma dose de risco. No caso da escrita dos mapas das periferias, das margens da cidadania de bem, a decisão está politicamente marcada. Tratando-se destas, só

⁶ Leopoldo, Rafael, *Cartografia do pensamento queer*, p. 138.

⁷ Sáez, Javier e Carrascosa, Sejo. *Pelo cu: políticas anais*. Trad. Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

⁸ Vidarte, Paco, *Ética bicha*, Trad. Cardellino Soto, P. e Selenir Nunes dos Santos, M. n-1 edições, 2019.

existe um risco maior do que conceber, imaginar, desenhar mapas: deixar que o façam por nós. Os riscos, neste último caso, o sabemos bem, são altos. Por não sair do metrô de Madrid, como esquecer o modo que, durante a prolongação sul-europeia da Primavera Árabe, foi combativamente renomeada, em cada um dos mapas de cada uma das estações do metrô, a estação de Sol por “Acampada Sol”? Como esquecer da violência simbólica que representou, um ano depois, que a câmara municipal vendesse os direitos de nomeação ou, na linguagem publicitária, os “*naming-rights*” da estação de Sol a uma grande companhia privada, tornando cada um dos mapas do metrô um anúncio publicitário? Talvez seja por isso que resultou tão catártico, frente à mercantilização de um pedaço de história de uma luta coletiva, ver o nome de Paco Vidarte ocupar, pela sua vez, o centro do mapa.

Não é por acaso que as “teorias *queer*” portam, no seu próprio nome, a história de uma luta pela ressignificação do insulto, uma luta pelos *naming-rights* das sapatonas, das travestis, das soropositivas, das bichas, das *raras*, das precárias. A indeterminação do referente, inscrito no insulto *queer*, é um dos motivos pelos quais este não é o nome de um movimento social que possa ser descrito, colocado no vidro do laboratório acadêmico para ser dissecado, as suas partes expostas e classificadas. De forma similar, *queer* também não assinala um conjunto delimitável de teorias que possam ser simplesmente reunidas, resumidas e sistematizadas. Talvez, uma das melhores descrições possíveis para aquilo que este livro trata é, justamente, a que está implícita em seu título. *Queer* é o nome de um lugar, um *campo* de estudos, uma proliferação de espaços de resistência. Daí que a ideia de cartografia seja, entre outras coisas, um convite a participar desta luta pela nomeação. O convite que Rafael oferece, aqui é, como o era o mapa de Javier Sáez, amistoso, ciente de que, “apesar do que proclama a retórica liberal, na verdade somos redes de relações, não de indivíduos”. Provavelmente por isso as visitas às estações do metrô, de filósofos como Michel Foucault, Gilles Deleuze ou Jacques Derrida, transcorrem com leveza, livres do peso da pretensão de completitude ou sistematicidade, sem perder o alvo de tratar a relação com o pós-estruturalismo a sério e não como uma mera referência que completa uma página por vazio tecnicismo.

A propósito desta relação, contava Judith Butler em seu prefácio de 1999 para *O gênero em disputa*, que entendia que o seu trabalho “terminou por ser

um de tradução cultural”⁹ entre o pós-estruturalismo e os estudos de gênero, fornecendo assim uma definição eficaz não só do seu próprio trabalho, como do campo dos estudos *queer* ou, ao menos, de boa parte deste. O que aqui Rafael refere como primeiro ponto de virada do pensamento *queer*, o “giro performativo” é responsável, sem dúvida, por uma parte fundamental desse exercício de tradução cultural. Seria, de fato, impossível pensar hoje os estudos *queer* sem levar em conta a trajetória filosófica do conceito de performatividade desde o pragmatismo de J.L Austin até o próprio *Gênero em disputa*, passando pela desconstrução a que Derrida submeteu esta categoria e que tanto tem impactado na crítica *queer*, ao essencialismo de gênero nas margens da teoria feminista.

Três décadas têm transcorrido já desde *O gênero em disputa*, e algumas mais desde as críticas de Derrida da obra de J.L. Austin. Pretendia, este último, em seu *Quando dizer é fazer*¹⁰, explicar que o mais interessante que podemos perguntar sobre algo que foi *dito* não costuma ser se era verdadeiro ou falso, tampouco, em um sentido mais geral, qual é a relação de *representação* que o dito mantém com o mundo tal e como este é. Muitas vezes, o mais importante que podemos perguntar é: o que aquilo que foi dito *fez*? De que forma transformou o mundo tal e como este *era*? O poder filosófico desta mudança de foco residiu em iluminar todo um espaço de pensamento sobre a linguagem ao perguntar pelo efeito transformador, *performativo*, das palavras, no preciso momento de serem ditas.

Querendo ou não, o conceito de *performatividade* veio para politizar a filosofia da linguagem. Porém, Austin pretendia conter a sua concessão pragmática da linguagem num campo facilmente delimitável. Austin e, ademais, sucessores como John Searle, pensavam que poderiam determinar, explicar e até enumerar as condições nas quais o uso de fórmulas tipicamente performativas como “eu os declaro marido e mulher” converteria alguém, de fato, no momento de ser dita, em marido ou esposa. A primeira condição, entendia Austin, é que se tratasse de um contexto “sério”, de um casamento “real”, e que a fórmula não fosse usada como parte de uma obra de teatro, ou no contexto de uma piada, de um jogo, talvez. A partir daqui, com Derrida,

⁹ Butler, Judith, “Preface 1999”, *Gender Trouble. Feminism and the Subversion of Identity*, New York and London: Routledge, p. ix, 1999.

¹⁰ Austin, J. L., *Quando dizer é fazer: Palavras e ação*, trad. Marcondes de Souza, D., Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

a comoção política da performatividade na filosofia chegaria mais longe¹¹. Identificar as regras com as quais diferenciar o uso “sério” do simples jogo? As condições que diferenciam o ato de fala real da sua representação? Sistematizar as propriedades dos rituais sociais que garantem que aquilo que foi dito fizesse o que fez? O modelo filosófico com que diferenciar a moeda falsa da real, a citação do original? Mais do que uma crítica, Derrida despregou o seu riso sobre o muro de contenção que Austin pretendia levantar frente a algumas das consequências da sua própria forma de entender a dimensão performativa da linguagem. À luz desse riso, o que Austin chamava seriedade se revelava, antes bem, como uma piada escrita sobre outra piada. O uso sério da linguagem, como anunciou Nietzsche, apenas uma cristalização histórica de um exército de metáforas. A norma sancionada pelos rituais sociais, uma sedimentação contingente, provisória, dos usos ditos “ilegítimos”. Tudo casamento, uma obra de teatro, uma teatralização da legitimidade.

Foi este o duplo impulso crítico, o do pragmatismo de Austin e o de sua desconstrução, o que Butler dirigiu contra a gramática social do gênero para entendê-lo como algo que *fazemos* além de uma expressão de algum tipo de verdade interior, histórica e independente das relações hierarquizadas e heterossexualizadas entre os sexos. Assim, na linha aberta pela crítica à categoria de sexo contra a qual autoras, como Monique Wittig, tinham lançado algumas cargas de profundidade, a teoria da performatividade veio a questionar a concepção do sexo entendido como ancoradouro biológico ou ontológico ao abrigo de qualquer riso desconstrutivo. Não tanto para questionar que existam, de fato, diferenças materiais entre os corpos, relacionadas com a biologia de algo chamado sexo, mas para assinalar que a nossa compreensão deste, incluindo o que aprendemos através dos paradigmas médico-científicos¹², não pode ser isolada sem mais da história social das relações entre os sexos nem do marco linguístico em que se desenvolvem tanto estas como o próprio marco científico. Desta forma, não só o gênero, mas o sexo passava a ser considerado como um elemento a mais nesse conjunto sedimentado das normas, nessa corrente histórica de recitações que Gayle Rubin chamou *sistema sexo-gênero*, Monique Wittig, *pensamento heterossexual* e Judith Butler, *matriz heterossexual*.

¹¹ Refereio-me aqui a Derrida, Jaques, “Assinatura Acontecimento Contexto”, em *Limited Inc.*, Campinas: Papirus, 1991. p. 11-37, 1977.

¹² Como argumenta a bióloga Anne Fausto-Sterling em *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*, New York: Basic Books, 2000.

A teoria da performatividade de gênero se converteu, assim, num acontecimento teórico capaz de provocar efeitos de ressonância de longo alcance e que desestabilizam, ainda hoje, estruturas teóricas heterogêneas, muito *além* de qualquer limite concebível da teoria feminista e dos estudos *queer*. Até o ponto onde seria difícil entender uma parte do presente político se observássemos as reverberações desta crítica através das décadas, incluindo as sinergias e, também, as tensões entre ambos espaços políticos e teóricos, assim como os distanciamentos críticos a respeito da própria teoria da performatividade. Especialmente quando pensamos — como esquecê-lo desde o Sul da Europa onde escrevo estas linhas, ou desde o Brasil onde escreveu Rafael as suas — os “distanciamentos críticos”, por usar aqui um eufemismo, representados pela involução autoritária numa já bastante precária arquitetura democrática. Ou, noutros termos, das alianças entre o fundamentalismo religioso e o neoliberalismo contra a influência de uma ameaça chamada “ideologia de gênero”. A pergunta insinua-se, de certo modo, incômoda: seria acaso tão virulenta a resposta das “novas” extremas direitas na ausência desse riso, derridiana e butleriana ao mesmo tempo, que acompanha o luto pela unidade moral do gênero, da escola e da pátria, nos usos contemporâneos da palavra “gênero”?

A minha impressão, reforçada por signos diversos como caricaturas vaticanas e pentecostais do conceito de gênero¹³, pela imagem queimada de Butler em sua visita a São Paulo¹⁴, com o gênero convertido em “vórtex central do furacão eleitoral brasileiro”¹⁵ e até os gritos da ministra Damares sobre cores e crianças, é que não. Neste sentido, quero ceder aqui, seja por um momento, ao academicismo de pensar que o que chamamos teoria *queer* ou, inclusive, chamamos pós-estruturalismo, tem tido, de fato, o impacto político de um alcance que estamos ainda longe de poder chegar a entender. Talvez, e é por isso que celebro especialmente a importância aqui concedida à influência do pós-estruturalismo na teoria *queer*, a filosofia ocupa, ainda, um lugar crucial não só na hora de entender o mundo em que vivemos, mas, também, na hora

¹³Ver Richard Miskolci e Maximiliano Campana, “Ideologia de Gênero”: Notas Para a Genealogia de Um Pânico Moral Contemporâneo, *Sociedade e Estado*, 32, 573–91, 2017.

¹⁴Comentada por ela própria em “Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil”, *Folha de São Paulo*, 21 de Novembro, 2017 (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>)

¹⁵Marco Aurélio, Maximo Prado e Sonia Correa, ‘Retratos Transnacionais e Nacionais Das Cruzadas Antigênero’, 18, 444–48, p. 444, 2018.

de transformá-lo naquilo que este ainda não é. O sabem bem, entre outros, aqueles que colocam na agenda neoliberal o ataque à filosofia ou, mais em geral, à *balbúrdia* dos cursos de humanidades.

Felizmente, frente a qualquer tentativa de culpar retroativamente Jacques Derrida pela atual ofensiva anti-gênero ou de reduzir a teoria *queer* ao âmbito de influência de Judith Butler, este livro traz bons antídotos. Entre outros motivos, porque nele o impulso cartográfico se confunde, por vezes, para além de qualquer metáfora, com a dimensão geográfica. Tal é, provavelmente, um dos pontos mais estimulantes desta cartografia do pensamento *queer*. A diversidade das fontes passa por autoras e ativismos estadunidenses, sim, mas, também, francesas, argentinas, espanholas e brasileiras. As visitas de Rafael a estas *paradas* da contra-cidade *queer* transmitem a paixão de uma relação pessoal sem por isso perder uma importante dimensão pedagógica, no melhor dos sentidos do termo. O conjunto de metáforas exploradas, os giros teóricos escolhidos, junto com as referências trazidas da cultura pop, fazem com que as paradas deste mapa fiquem ao alcance de um público do qual só posso esperar que seja tão amplo como a proliferação de cartografias e mapas compartilhados e como o afã de não deixar o mundo tal e como o encontraram.